

Análise do livro O Gosto da Guerra de José Hamilton Ribeiro Baseado no Livro-Reportagem¹

Andréia de Lima RODRIGUES²

Larissa SCHÄFER³

Patrícia Fossatti de CARVALHO⁴

Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS

RESUMO

O presente trabalho tem como principal objetivo analisar o livro O Gosto da Guerra, de José Hamilton Ribeiro, através da técnica do livro-reportagem. Para tanto, se utilizou os textos de Felipe Pena e Edvaldo Pereira Lima, tendo-se isto em vista, que o livro analisado se trata de um tema de grande atração mundial, que é a guerra do Vietnã, percebemos que o retrato do real com riqueza de detalhes, trazidos do Novo Jornalismo favorecem a leitura e o aprofundamento dos fatos narrados.

PALAVRAS-CHAVE: guerra; jornalismo; livro-reportagem; noticiabilidade.

1 INTRODUÇÃO

Para um fato virar notícia e se tornar socialmente público, há uma série de seleções baseadas em critérios relacionados a noticiabilidade e seus valores-notícia. Estes critérios representam as qualidades de um acontecimento, ou da sua construção jornalística, cuja presença ou ausência os recomenda para serem incluídos em um produto informativo. Portanto, são selecionados de acordo com interesse público, periodicidade, novidade, atualidade e veracidade.

No jornalismo contemporâneo tem diversas maneiras de se apresentar um acontecimento, dentre eles, a nota, a notícia e a reportagem. Associado ao gênero

¹Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

²Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da FAC-UPF, e-mail: 159318@upf.br

³Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da FAC-UPF, e-mail: 159335@upf.br

⁴Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da FAC-UPF, e-mail: 159344@upf.br

jornalístico tem-se o gênero literário, onde o autor narra uma grande e detalhada reportagem que não seria sustentada pelas mídias convencionais, como revistas e jornais, denominada livro-reportagem. Este tipo de reportagem pode abranger diferentes aspectos, atualmente se tem treze classificações do livro-reportagem, propostas por Edvaldo Pereira Lima (2004).

Para uma melhor apresentação do assunto em “pauta” foi feita uma análise mais aprofundada em relação ao livro *O Gosto da Guerra* de José Hamilton Ribeiro, baseado na técnica do livro-reportagem.

Por se tratar da guerra do Vietnã, o livro abrange alguns valores-notícia, como, amplitude – pelo número de pessoas envolvidas, negatividade, empatia ao referenciar os Estados Unidos da América (EUA), que é um país de elite e continuidade, o que Ribeiro fez ao viajar para o Vietnã fornecendo à revista *Realidade*, a versão brasileira de ver como as coisas realmente estavam no país, suspendendo a compra de informações estrangeiras.

No livro, o autor oferece detalhes desde o seu acidente na mina, onde perdeu a perna esquerda, até o seu retorno ao Vietnã para uma matéria especial. Ribeiro inclui em seu livro detalhes sobre a guerra, sobre a sua dificuldade em entrar no país como repórter, os lugares que conheceu, o dia-a-dia ao lado dos soldados americanos, os motivos do conflito, o papel das mulheres, crianças abandonadas por pais estrangeiros, enfim a situação geral do país.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O jornalismo é entendido como um agente de construção de uma suposta realidade, a qual segundo Pena, “o jornalismo constrói a realidade, apesar de não a refletir” (PENA, 2010, pg. 128). Para estudar a rotina industrial de as *notícias são como são*, na década de 1970 inspirado na sociologia de Galtung e Ruge (1965, 1993), Gaye Tuchman (1978) e Nelson Traquina (1999, 2001 e 2005), surge a teoria da Noticiabilidade, que é a capacidade que os fatos têm de virar ou não notícia, então quanto maior o grau de noticiabilidade (novidade, interesse público, importância, negatividade, excepcionalidade), maior a chance do acontecimento de virar notícia (TRAQUINA, 2013. p. 67-74). Considerando também que cada veículo tem sua lógica interna de constituição que influencia, bem como as características do fato em si, o julgamento do profissional

jornalista e as circunstâncias históricas, econômicas, ideológicas ou sociais (SILVA, 2004. p. 96).

Para Wolf, o papel do jornalista é resultante da cultura profissional e seus valores, bem como a organização do trabalho, sendo o próprio jornalista um dos autores que explica noticiabilidade, pois é do ponto de vista da estrutura do trabalho informativo e do profissionalismo dos jornalistas, que se obtêm a existência pública de notícia (SILVA, 2004. p. 96). Como componente da noticiabilidade se tem os valores-notícia, que são uma característica ou qualidade do acontecimento, e vão aparecer na notícia construída sobre o fato. Para Wolf, os valores-notícia são critérios de relevância que estão presentes na produção e na seleção das notícias (SILVA, 2004. p. 99).

A emergência de novos gêneros se dá pela preocupação das empresas jornalísticas em atrair público, frente às transformações políticas, sociais, econômicas, tecnológicas e culturais e ao surgimento de novos meios:

“De acordo com C. Chaparro (2006), os avanços da tecnologia e a rapidez da informação instigam o jornalista de hoje não apenas a narrar o que acontece, mas também a ser capaz de compreender e atribuir significados aos fatos. (...) O interessante é notar que a nova norma adotada pela empresa se espelha em um modelo já utilizado pelo jornalismo em diferentes países e que ficou conhecido como “modelo francês”, ou, ainda, jornalismo literário” (ROCHA & XAVIER, 2013).

O jornalismo está inserido na sociedade e seu desenvolvimento dialoga com o contexto histórico, político, econômico, cultural, tecnológico, social e, conseqüentemente, com a dinâmica da sociedade. Ao longo de sua história, o jornalismo passou por diversas transformações, incluindo novos paradigmas (informativo, opinativo, interpretativo, sensacionalista etc.) e novos meios. “Dentro da perspectiva do desenvolvimento do jornalismo, de invenção e reinvenção de técnicas, procedimentos e modelos, além da inovação de meios e suportes, encontra-se o livro-reportagem” (ROCHA & XAVIER, 2013):

“Veículo jornalístico impresso não-periódico contendo matéria produzida em formato de reportagem, grande-reportagem ou ensaio. Caracteriza-se pela autoria e pela liberdade de pauta, captação, texto e edição com que os autores podem trabalhar. Entre os tipos de livros-reportagem mais comuns estão a reportagem biográfica, o livro-reportagem-denúncia e o livro-reportagem-história. É um veículo talhado por excelência para a prática do Jornalismo Literário” (LIMA, 2004).

Nem toda reportagem termina ao ser publicada em jornais ou revistas, algumas exigem mais entrevistas, apurações detalhadas, busca de novas informações e, finalmente, mais espaço. Dessa maneira, biografias, temas históricos, perfis, memórias e relatos de grandes acontecimentos podem se transformar em livros-reportagem (BELO, 2006). “O livro-reportagem avança as fronteiras do jornalismo diário e trata dos fatos com abordagens diferentes, originais, criativas, menos urgentes e mais aprofundadas” (BELO, 2006).

Entende-se que há necessidade de apontar aspectos similares entre a produção jornalística e a produção do livro-reportagem. Para tanto, se destaca no discurso jornalístico tradicional cinco características: interesse público, periodicidade, novidade, atualidade e veracidade. De antemão, pode-se apontar o acontecimento e a atualidade como aspectos facilmente identificáveis para a produção do livro-reportagem. Nota-se que o acontecimento encontra observação e estudos tanto no jornalismo quanto nos conceitos da história (ROCHA & XAVIER, 2013).

A estrutura adotada na produção de um livro-reportagem é idêntica a produção jornalística de uma reportagem ou grande reportagem, mas, com suportes diferentes. No livro-reportagem, se estabelece um diálogo em todo seu percurso do livro, o que exige um número suficiente de informações, dados, fontes, depoimentos para que contemple o conteúdo e o volume de um livro sem desfigurar sua relação com a realidade (ROCHA & XAVIER, 2013).

Essa maior liberdade que o formato livro-reportagem viabiliza, possibilita se utilizar dos recursos do jornalismo literário. “O jornalismo literário sai das amarras do hard news e projeta voos mais livres” (ROCHA & XAVIER, 2013). Neveu observa “que os tipos de discursos da imprensa veiculam visões de mundo e possibilitam ao público entender a realidade” (NEVEU, 2005).

2.1 LIVRO-REPORTAGEM

Para se entender mais amplamente o que seria o livro-reportagem, é interessante salientar a diferença de alguns conceitos básicos. De acordo com José Marques de Melo, pode-se dizer que a notícia, além de ser um assunto estritamente real, seria a forma de relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social. E a reportagem é o relato ampliado do acontecimento que já repercutiu no ambiente social e produziu alterações

que são percebidas pela instituição jornalística (MELO, 1985, p. 49). Ou seja, a reportagem seria também, o aprofundamento de fatos de maior interesse público, podendo acrescer o modo, o lugar, o tempo e a captação das versões do case. Não é apenas narrar o fato, é a interpretação de um fato e sua projeção, assim como, dar importância aos aspectos econômicos, sociais e políticos. O que se difere também, do jornalismo informativo, que tende a relatar ao leitor apenas o essencial sobre o assunto em questão.

É então com o intuito de buscar outras formas de o jornalista se expressar, que surge este gênero literário e jornalístico chamado de livro-reportagem. Muitos livros-reportagem partem de reportagens veiculadas na imprensa cotidiana. Como era o caso da Guerra do Vietnã, assunto da obra *O Gosto da Guerra*. Um conteúdo muito relevante e que estava periodicamente nos veículos de comunicação da época, pois era de extrema importância mostrar ao leitor o que estava ocorrendo no Vietnã. E que, além disto, por critérios da Revista Realidade – meio jornalístico pelo qual Jose Hamilton Ribeiro fora enviado para o Vietnã – resolveu abordar, ou ao menos possuía o objetivo, de relatar este fato jornalístico de uma maneira diferenciada de muitos concorrentes.

O livro-reportagem se difere dos demais livros, devido a três condições:

1. Em relação à *contextualização*, neste caso trata-se do real, factual e a ocorrência social já definida.
2. O livro-reportagem obedece às particularidades específicas do gênero, oferecendo uma maior maleabilidade de *tratamento*. Este que também se dá por meio da montagem, da edição do texto e da linguagem.
3. Devido à identificação da função. O livro-reportagem pode ser oriundo dos desdobramentos do jornalismo, tendo como objetivo fundamental informar, orientar e explicar ao leitor. Mas pode trabalhar sua narrativa de forma mais extensiva, direcionando a atenção para o objeto abordado.

O livro-reportagem, assim como pode ser originado de uma grande reportagem ou diversas reportagens veiculadas aos meios de comunicação, pode ser proveniente de um projeto elaborado para o próprio livro. Este gênero pode se engajar a partir de um fato de repercussão mundial, nacional e regional com o intuito de aprofundá-lo para que se tenha maior alcance na sociedade. Assim como também existem livros-reportagem que tratam fatos mais distantes do que os atuais, podendo, em muitos casos, fazer uma contextualização com a sociedade contemporânea.

O biólogo Ludwig von Bertalanffy desenvolveu a Teoria Geral dos Sistema, que seria produzir teorias conceituais para que se tenha aplicação na realidade. Entre um dos pressupostos da teoria, encontra-se a contextualização do fenômeno, que se busca analisar as realidades envolvidas, assim como as características que possam ou irão afetar o comportamento da sociedade. Ou seja, mostra que a realidade é formada por um complexo de realidades sobrepostas, que mantem relações entre si. Assim, o livro-reportagem seria considerado um subsistema por incorporar elementos do jornalismo convencional.

De acordo com o jornalista e pesquisador Otto Groth, o livro-reportagem possui de certa forma uma relação com a periodicidade. Por mais que o gênero não siga nenhuma produção que denote regularidade no tempo, ele faz com que se prolongue ainda mais o ciclo de existência de alguns fatos e acontecimentos, gerando assim, uma relação no tempo. Como é o caso da Guerra do Vietnã, um período que é considerado parte da história mundial, e precisa ser estuda pelas gerações posteriores, prolongando a durabilidade que as pessoas irão pesquisar sobre o fato. Groth coloca ainda o conceito de difusão coletiva, que a mensagem tem de ser passada para todos, para que a sociedade em geral possua a capacidade de entender o que está sendo proposto.

Este gênero, livro-reportagem, tem como características a ausência de conceitos precisos e a carência acadêmica, levando em consideração que muitas faculdades de jornalismo não possuem o livro-reportagem como objeto de estudo. A questão da universalidade também se aplica ao gênero, pois além de abordar os mais variados conteúdos e narração, o livro-reportagem complementa o papel da imprensa cotidiana. Isso se dá por ele ampliar o conhecimento sobre algo previamente divulgado pela imprensa, como também, explorar mais afundo temas pouco abordados ou considerados de pouca importância nos meios jornalísticos.

Como já citado, o livro-reportagem tem a função de orientar e informar um tema, transformando um fato em história, fazendo uma descrição muito bem detalhada dos acontecimentos. Existem diversos tipos de livros-reportagem, porém, o que se encaixa no objeto de estudo deste trabalho, que é a análise do livro-reportagem *O Gosto da Guerra*, é o livro-reportagem-depoimento. O depoimento instantâneo que reconstitui um acontecimento relevante de um participante ou de uma testemunha, um profissional que impõe o depoimento e elabora o livro, mostrando ao leitor uma forma de narrativa intensa.

O livro-reportagem e essa forma de captação irá entrar no conceito que o professor Gaudêncio Torquato aborda. Captação não é apenas entrevista e observação. Envolve a documentação, a coleta. E então, muitos departamentos de pesquisa e documentação, possuem um grande volume de informações diversificadas, com fontes distintas, que muitas vezes seriam capazes de dar mais profundidade ao assunto, entretanto, nem sempre oferecem uma leitura e compreensão do tema que a reportagem contempla. Já o livro-reportagem vai conseguir fazer esta abordagem mais ampla e captação completa.

Este gênero não está preso à rotina dos veículos periódicos, pode buscar novas formas de captação. A criatividade do autor é levada em consideração em todas as etapas de processo, e o principal é que este gênero está liberto da objetividade puramente técnica. Fazendo o uso de uma descrição chamada de prosopografia, onde é interessante realçar determinado protagonista, no caso do *O Gosto da Guerra*, o próprio autor.

Contudo, outra característica importante no livro-reportagem é possibilidade de expandir o leque de fontes. Percebemos que no livro de Jose Ribeiro, as fontes são as próprias pessoas que atuaram na guerra, e o mais expressivo, o próprio autor é a fonte de informações que se teve para escrever o livro, e não a mera opinião de pessoas de fora e/ou que estavam estudando o conflito.

3 ANÁLISE

O livro *O Gosto da Guerra*, narrado pelo jornalista José Hamilton Ribeiro, foi publicado em 1969 e teve nova edição (revisada e ampliada) em 2005, no Rio de Janeiro pela editora Objetiva. Trata-se de um livro-reportagem, onde o autor retrata seu dia-a-dia como correspondente durante a guerra do Vietnã em 1968. No decorrer da história o jornalista comove, alegra e entristece o leitor, bem como traz detalhes sobre a guerra entre americanos e vietnamitas.

Narrado em primeira pessoa e utilizando recursos do Novo Jornalismo, Ribeiro registra diálogos ao seu texto, expõe seus sentimentos em relação ao que está acontecendo reconstruindo as cenas, demonstra um fluxo de consciência e oferece riqueza de detalhes aos fatos, o que traz veracidade e transparência ao livro:

“A técnica de apresentar cada cena ao leitor por intermédio dos olhos de uma personagem particular, dando ao leitor a sensação de estar dentro da cabeça do personagem, experimentando a realidade emocional da cena

como o personagem a experimenta” (WOLFE, 2005, p. 54). “Trata-se do registro dos gestos, hábitos, maneiras, costumes, estilos de mobília, roupas, decoração, maneiras de viajar, comer [...] e outros detalhes simbólicos do dia-a-dia que possam existir dentro de uma cena” (WOLFE, 2005, p. 55).

De acordo com Gaudêncio Torquato, existem três tipos de descrição no Novo Jornalismo a *Pictórica*; *Topográfica* e *Cinematográfica* (LIMA, 2004). Em destaque no livro temos a maneira *Pictórica*, a qual Ribeiro descreve o que viveu, no trecho em que ele pisa em uma mina, durante uma operação de limpeza na “Estrada sem Alegria”. Nessa passagem, Ribeiro descreve com detalhes instantes de angústia e de medo. Ao perceber suas lesões e a mutilação da sua perna, o jornalista descreve o medo de morrer, mas, em nenhum momento demonstra arrependimento em estar ali. Um momento marcante em seu livro ocorre quando o autor descreve o “Gosto da Guerra”:

“Ele [Shimamoto] trazia um cigarro aceso e tentou colocá-lo na minha boca. Não aceitei. Senti na boca um gosto ruim, como se tivesse engolido um punhado de terra, pólvora e sangue — hoje eu sei, era o gosto da guerra. Cuspia, cuspia, mas aquela gosma amarga permanecia na boca” (RIBEIRO, 2005).

Ribeiro é ao mesmo tempo, irônico e dramático, ele conta que logo após o fotógrafo Shimamoto lhe oferecer um cigarro ele toma distância para fotografá-lo. O jornalista conta que foi encarregado de ficar no Vietnã por quarenta dias, mas no último dia o fotógrafo japonês o convidou para permanecer mais um dia para cobrir mais duas operações que prometiam boas fotografias. E foi nesse dia que se tornou mais uma vítima da guerra.

O livro-reportagem liberta o jornalista para relatar com profundidade um acontecimento (LIMA, 2004). Portanto o Jornalismo Literário possibilita:

“Potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos (PENA, 2006).

Essa mistura desses sentimentos, detalhes e descrições possibilita ao leitor compreender o ambiente, os diálogos e a situação que o jornalista José Hamilton Ribeiro viveu no Vietnã.

4 CONSIDERAÇÕES

O gênero New Journalism nasceu para satisfazer o sonho de muitos jornalistas, que era o de escrever um romance. Misturando técnicas da literatura com fatos reais. É então, baseado nestes conceitos que surge o livro-reportagem. O fato é que o livro-reportagem apoia-se no jornalismo cotidiano, mas amplia-o. Com uma narrativa longa e fluída, se faz um jogo/viagem com o leitor, apresentando uma familiaridade com o mundo contido no livro. O gênero também se torna uma forma de documentação, onde se tem a coleta de dados, a fundamentação e a escolha do tema através da pauta, muito similar ao jornalismo tradicional. Com uma visão que tende a explicar o real em um contexto geral e apresentar a cena segundo a visão do personagem. É certo que existem livros-reportagem que ainda são presos às novas técnicas, alguns ainda seguem aos padrões estabelecidos dos veículos, a objetividade e linguagem puramente técnica. Entretanto, o livro-reportagem é a renovação da prática jornalística, que possibilita o autor ser mais criativo no processo, sem estar preso a rotina industrial dos veículos periódicos.

Pela observação dos aspectos analisados no livro *O Gosto da Guerra*, de José Hamilton Ribeiro, conclui-se que este livro-reportagem possui grande riqueza de detalhes sobre a guerra do Vietnã, pois aproxima o leitor da dificuldade que era a guerra. É uma obra de excelente qualidade, com características do Novo Jornalismo, como linguagem simples e de fácil compreensão. A obra traz diálogos e declarações das pessoas que conviveram com o jornalista tanto no campo de guerra, como no hospital. Durante a leitura percebemos a realidade nos relatos, observamos que Ribeiro realmente sentiu o “Gosto da Guerra”, bem como o autor nos faz perceber que existem pessoas que gostam e se beneficiam com a guerra. Nota-se também, que pautas como a guerra, possuem grande impacto mundial, e isto intriga o leitor, portanto o livro-reportagem favorece ao jornalista esse aprofundamento dos fatos, e favorece ao leitor uma leitura do real, mais dinâmica e de fácil compreensão, assim como o livro analisado. O objetivo de pauta estabelecida para o livro-reportagem *O gosto da Guerra* era então, cobrir a guerra sobre os dois pontos de vista, Vietnã do Norte liderado pelos comunistas e Vietnã do Sul, lado americano. Uma pauta pré-estabelecida, mas que devido a dificuldades e obstáculos no processo, pode ser trabalhada de uma maneira diferente e com mais liberdade para o autor, característica básica dos livros-reportagem.

REFERÊNCIAS

BELO, E. **Livro-Reportagem**. Porto Alegre: Ed. Contexto, 2006.

LIMA, E. P. **Páginas Ampliadas**: o livro reportagem como extensão do jornalismo. São Paulo: Ed. Manole, 2004.

NEVEU, É. **Sociologia do Jornalismo**. Porto, Ed. Porto Editora, 2005.

PENA, F. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

PENA, F. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Ed. Contexto, 2010.

RIBEIRO, J. H. **O gosto da guerra**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2005.

ROCHA, P. M.; XAVIER, C. **O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico**. São Paulo: Ed. Rumores. V. 7. n. 14, 2013.

SILVA, G. Para pensar critérios de noticiabilidade. In: _____. SILVA, G; SILVA, M. P.; FERNANDES, M. L. (Orgs). **Critérios de noticiabilidade**: problemas conceituais e aplicações. Florianópolis: Insular, 2014. p. 95-106.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo** volume II. In: _____. A análise acadêmica dos valores-notícia. 3.ed.rev.2013. Florianópolis: Ed. Insular, 2005. p. 67-74.